A Volta da Roda

© 2026 – Marcelo Hissa

A Volta da Roda

MARCELO HISSA

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico e direção de arte:
Sérgio Carvalho
Ilustrações: geradas com inteligência artificial (*Magnific*)

ISBN 978-65-5727-228-2

1ª Edição – 2026

▪ Impresso no Brasil ▪ *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Impresso na

a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Hissa, Marcelo.
A Volta da Roda / Marcelo Hissa – Limeira, SP: **EDITORA DO CONHECIMENTO**, 2026.
106p. il.

ISBN: 978-65-5727-228-2

1. Ficção espírita 2. Umbanda - História I. Título

26-4762 CDD – 130

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção espírita

MARCELO HISSA

A Volta da Roda

1ª edição – 2026

EDITORA DO CONHECIMENTO



Sumário

Capítulo 1 – Cortejo de Justiça 7
Capítulo 2 – Comando do Nada..... 11
Capítulo 3 – Entre a Cerca e o Horizonte .. 15
Capítulo 4 – Esperança sob vigilância..... 19
Capítulo 5 – O Caminho de Volta..... 22
Capítulo 6 – Nem Tudo se Sabe 28
Capítulo 7 – Encruzilhada dos Deuses 32
Capítulo 8 – O Santo de Si Mesmo 37
Capítulo 9 – Tudo se Perdoa 43
Capítulo 10 – O olhar da mata 47
Capítulo 11 – Afronta..... 52
Capítulo 12 – Cento e Vinte 58
Capítulo 13 – A Praça 62
Capítulo 14 – Contagem 68
Capítulo 15 – Sob o Véu 74
Capítulo 16 – Encruzilhada..... 78
Capítulo 17 – A outra face da roda..... 83
Capítulo 18 – Fio de ar 89
Capítulo 19 – A roda ferida 93
Capítulo 20 – Sem tronco, sem morte..... 95
Capítulo 21– Herança recusada 99
Nota do autor..... 102



Capítulo 1 – Cortejo de Justiça

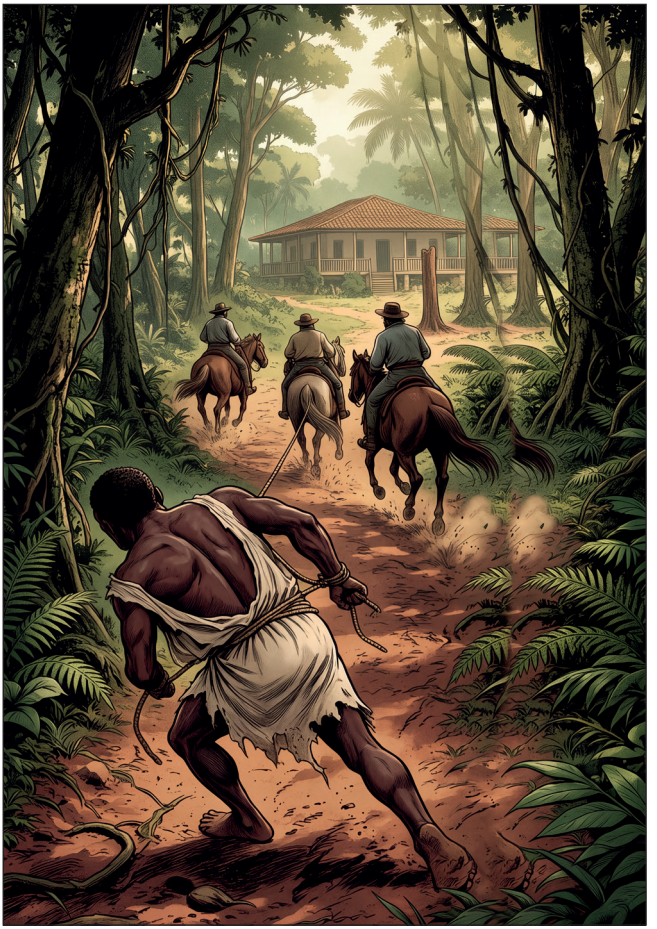
Padasise ia sendo arrastado, trotava em ritmo desconfortavelmente trôpego, amarrado com cordas grossas, desfiadas pelo tempo, tentando ajustar o corpo ao compasso imposto pelos feitores montados em seus alazões imponentes. Animais fortes, bem tratados, bem alimentados, de pelo reluzente — negro obsidiana, em ameaça contida.

Eram três a cercar o escravo apanhado. Vigilantes — como se temessem uma fuga súbita, agora sob o peso de olhos que fariam qualquer falha chegar aos ouvidos do senhor; um deslize rumo à mata lhes custaria mais caro do que o próprio ato cometido por Padasise contra o dono da fazenda.

Padasise, descamisado, exibia um peitoral firme, apesar de algumas costelas insinuarem-se sob a pele. Conservava uma composição quase robusta, embora já denunciasse a lenta decadência que os duros anos começavam a inscrever. Os braços, fortes e definidos, não falavam apenas da ausência de gordura — revelavam a marca silenciosa de uma vida sem excessos de gozo, farta apenas em trabalho exaustivo.

As mãos calejadas, com os pulsos feridos pelos duros nós que as apertavam, encontravam os pés descalços, marcados pelo longo pastoreio — sendo ele o próprio a ser tangido — na distância que separava o poleiro do crime da sede da fazenda.

Vestia uma mortalha em frangalhos, branca de algodão cru, encardida de terra. Uma das pernas



descia mais e roçava a canela; a outra mal alcançava a coxa. Escravos como Padasise e seus irmãos não recebiam sequer o trato mínimo de um uniforme — descaso que já não feria o olhar de seu senhor. A propriedade mantinha-se de pé, mas em ruína aberta, exposta. E quando até a honra deixa de ser preservada, o descalabro já não se esconde: escancara-se.

O suor descia em torrentes de água salobra. Ainda assim, Padasise recusava o cansaço.

Havia nele uma firmeza que não nascia da abundância, mas da escassez. O olhar penetrante, o queixo erguido — tudo impunha presença, quase destemor. Talvez a ausência de cicatrizes nas costas explicasse parte disso: seu corpo não carregava a memória do açoite — e, por isso, ainda não aprendera a ceder.

A ignorância, ali, parecia uma bênção. Ou algo além — a marca de uma natureza que se recusava a curvar-se à tirania soberba daquela sociedade, onde a cor da pele elevava alguns acima das próprias leis da providência.

Fugir seria possível. Submeter-se, não. Padasise não reconhecia para si o lugar da fraqueza, da inferioridade. Trazia de além-mar, de seus ancestrais, um compromisso silencioso com seus Deuses. Fidelidade que não se barganhava.

Entre os que o escoltavam, apenas um entendia a quem conduzia. Não era a primeira vez que lidava com Padasise. Conhecia sua liderança em Nova Fronteira, o respeito que lhe era conferido entre a malta negra e até reconhecia alguma eficácia em seus métodos de justiça — duros, capazes de conter o caos entre os seus. Os outros seguiam por dever, sem medir inteiramente o peso do homem que levavam.

Vê-lo agora naquela condição, enfrentando as consequências com tamanha altivez, pesava. Nenhum sustentava seu olhar por muito tempo.

O caminho não se fez leve. Por vezes, algum deles voltava o rosto, como quem julgasse ouvir algo que não se confirmava. Noutras, era apenas a sensação de não estarem sós — ainda que nada se deixasse ver com clareza.

Em guerra, a corda, quando puxada com violência por ambos os lados, costuma romper junto aos pontos de maior tensão.

Tentaram resolver o delito antes que chegasse aos ouvidos do senhor. Padasise recusou. Onde os outros viam prudência, ele escutava covardia.

E assim era levado. Ao longe, alguns escravizados acompanhavam o "cortejo de justiça". Mantinham distância, mas não desviavam o olhar. Talvez ainda ignorassem até onde aquela marcha poderia conduzir. Os homens montados, porém, conheciam Bento. Sabiam que o homem que lhes pagava os salários nutria uma sede de sangue difícil de saciar, uma fome que raramente se contentava com poucas gotas.



Capítulo 2 – Comando do Nada

Era na Fazenda Nova Fronteira que vivia Padasise. Uma propriedade em ruínas, nos últimos estertores de uma funcionalidade que um dia fora de grande beleza. Agora, nada do que existira permanecia — nem forma, nem promessa. O lugar passara, havia muito, do ponto de retorno.

Seu proprietário era um velho senhor português: Sebastião Adamastor. Em idade avançada, trazia nos olhos encovados, na barba esquálida e nos dentes amarelados os sinais de uma vida consumida em álcool, festas e jogos. Homem de muitas amantes e nenhum herdeiro, definhava em seus finalmentes, quase imobilizado pelo tempo. Isolado na casa-grande, raramente era visto fora. Como se sustentava, se alimentava, persistia — ninguém sabia ao certo. Corria, entre vizinhos, a versão incerta de que, em tempos mais distantes, fora um nobre fugido de Portugal, escapando de dívidas contraídas no jogo, trazendo consigo grande soma de dinheiro que, ao longo dos anos, se esfarelara até quase nada. Restara-lhe a penúria. Ainda chamado de “senhor”, já não governava coisa alguma; de sua pessoa, nada mais se aguardava. Poucos funcionários permaneciam — restritos aos serviços domésticos.

Os fazendeiros vizinhos observavam aquela degradação com avidez contida, à espera do dia em que Sebastião exalaria o último sopro. Uma expectativa silenciosa, carregada de violência iminente:

a disputa pelos espólios. Caberia a melhor parte a quem mais pólvora gastasse, a quem mais sangue derramasse.

No meio desse entrevero, viviam os escravos da propriedade — livres na aparência, presos na realidade. Governavam-se como podiam, sob regras próprias e um respeito mútuo que impedia a miséria de se transformar em completo descontrole. Ainda assim, faltavam-lhes estrutura, proteção e futuro. Faltava alimento, faltavam cuidados de saúde, faltava higiene; até a senzala se mantinha por insistência, com paredes porosas e teto vazado.

Sobreviviam de pequenas hortas e grandes improvisos. Era difícil — mesmo com esforço — arrancar qualquer progresso sem sementes adequadas, sem irrigação, sem instrumentos, numa terra que já não respondia. Animais, poucos restavam: os maiores, há muito, haviam cedido ossos e carne fibrosa àquela população empobrecida; os menores, reduzidos a oferendas de cerimônias religiosas.

O estado geral revelava um emagrecimento coletivo, um esvaziamento de propósito. A vida se sustentava no limite. A sensação era de fim contínuo — o amanhã surgia mais por teimosia que por esperança. O colapso ao redor espelhava, sem disfarce, a decadência de seu senhor.

Era nesse hiato que Padasise comandava. Eleito entre os seus como líder, assumira a organização possível do caos. Distribuía tarefas, cuidava dos mais velhos, assistia as mulheres, disciplinava as crianças, sustentava algum fio de ordem. Quando havia mandioca, decidia quem comia primeiro. Quando não havia, escolhia quem suportaria melhor a falta. Reunia a todos nos cultos aos Orixás. Sem um senhor que os vigiasse, não havia necessidade de silenciar os atabaques nem conter a ginga da capoeira. O sacrifício de animais ainda ocorria quando possível — não



por abundância, mas por resistência.

Em reverência às gerações que haviam sustentado a dor antes deles, Padasise fazia questão de manter viva a memória dos ancestrais. Não permitia que a miséria daquele presente apagasse a grandeza de onde vinham. Nas rodas, contava histórias da África como quem reacendia brasas sob cinzas; falava dos que haviam sido arrancados da própria terra, atravessado o mar em condições animalescas, perdido nomes, casas, filhos e línguas — mas não a dignidade inteira. Em sua voz, os antigos caminhavam sempre altivos, guardados pelos Orixás, inteiros mesmo diante da perda. Aos jovens e às crianças, repetia que nenhum corpo ali existia por acaso. Cada vida ainda de pé era continuação de um sacrifício antigo. Cada respiração carregava a obrigação silenciosa de não deixar os mortos morrerem de novo.

Altas horas da noite, sob o luar que recortava o olhar firme de Padasise, mantinha-se o vínculo com o invisível — não apenas por devoção, mas por dever aos que vieram antes. Preservar aquelas práticas era impedir que a corrente também lhes arrancasse a memória. Para Padasise, o culto era também ordem: uma forma de manter o povo inteiro quando tudo ao redor tentava reduzi-lo a corpo e trabalho. Os homens clamavam a Ogum por força; as mulheres

buscavam em Oxum proteção — sobretudo para os filhos; os mais velhos voltavam-se a Xangô, em busca de justiça e equilíbrio. Nas aberturas, Exu era saudado como quem toca primeiro a soleira antes de entrar. Guardava caminhos, desvios e passagens. Depois, a roda seguia: os atabaques cresciam, os cantos ganhavam corpo, e das palavras de Padasise emergia uma espécie de trégua naquele círculo, dissipando medos.

Dois deles, sobretudo. O da morte do senhor, que os lançaria em mãos mais cruéis dos vizinhos. E o de sua permanência — que os condenava a definhar lentamente naquela terra esgotada. Viviam suspensos entre esses extremos, sobrevivendo sem horizonte.



Capítulo 3 – Entre a Cerca e o Horizonte

Padasise nem sempre fora líder, mas sua vocação natural para aquela posição havia sido percebida pelos negros desde tenra idade. Observador e sagaz, demonstrava predisposição ao comando e senso de responsabilidade para com todos da comunidade. Nem por isso deixara de viver uma infância feita de muito trabalho, mas também de brincadeiras e amizades com outros filhos de escravos em igual condição.

Fizera poucos amigos verdadeiros. Um deles era Iretitan, ligeiramente mais novo que ele, de personalidade espontânea e pouco disposta a obedecer a regras — quase o oposto de Padasise. Talvez fosse justamente isso que os atraía um para o outro. Cada qual enxergava no amigo aquilo que lhe faltava.

Enquanto Padasise fincava os pés no chão e procurava viver da forma mais organizada possível dentro das condições que lhes haviam sido dadas, Iretitan sonhava, os olhos perdidos no horizonte, com algum lugar além das cercas da fazenda onde pudesse ser livre.

Já jovens, discutiam com frequência entre um trabalho e outro. Quase sempre começava do mesmo modo: Iretitan interrompia o serviço por alguns instantes e deixava o olhar perder-se além das cercas, entregue a devaneios que pareciam levá-lo para muito longe dali.

— Irê, aquilo que procuras não está lá ao longe.

Não onde pensas. Olha para o que conseguimos manter de pé.

— Pada, como posso me contentar sabendo que há um mundo lá fora esperando por nós?

— Aqui também podemos construir uma vida. Sem um senhor que nos comande, vivemos do que plantamos, apesar da estrutura precária.

— Para mim, é pouco — replicava o amigo. — Pássaro não nasceu para viver em gaiola.

— Pior é o pássaro que termina como refeição. Se não perturbarmos o pouco equilíbrio que conquistamos, não precisaremos viver sob a ameaça constante do chicote. Aqui, ao menos, vivemos à nossa maneira.

— Querer uma vida melhor é assim tão ruim para nós?

— Estas terras não nos oferecem uma vida melhor. Ainda assim, o pouco que conquistamos deve ser preservado. Nossos ancestrais, entulhados em navios de madeira, atravessaram o grande oceano em porões miseráveis para que hoje estivéssemos vivos. Não podemos arriscar o que nos resta, desperdiçar o sacrifício deles ou morrer sem deixar nada aos que virão.

Assim discutiam, em intervalos, ao longo dos anos. Aos poucos, suas maneiras distintas de enxergar a vida abriram certa distância entre eles, sem desfazer por completo a antiga amizade. O espelho em que cada um reconhecia no outro aquilo que lhe faltava já não devolvia a mesma imagem. O que antes parecera sonho passava a ser visto como ilusão. O que fora responsabilidade começava a pesar como rigor.

Aconteceu de ambos se enamorarem da mesma mulher, uma jovem chamada Ayanmo. Primeiro, ela se uniu a Padasise. Meses depois do fim dessa relação, aproximou-se da alma rebelde de Iretitan. Não



houve sobreposição entre os dois vínculos nem, ao menos em aparência, mágoa duradoura em Padasise. Pouco tempo depois, ele se uniu a Kiniba, que viria a ser sua companheira definitiva.

A morte precoce do antigo chefe, vítima da peçonha de uma cobra, apenas formalizou um lugar que Padasise já ocupava entre os seus. Tornou-se, assim, líder da comunidade. Sua organização e suas regras trouxeram pequenas melhorias, sempre limitadas pela precariedade da fazenda e pela escassez que cercava a todos. Ainda assim, deixava escapar certo autoritarismo no trato com os demais negros. Era bastante respeitado. Alguns, porém, diziam em tom de escárnio que sua pele clareava a cada nova ordem.

Entre todas as regras que impunha, nenhuma lhe parecia tão importante quanto a proibição de fugir.

Fugir era, para Padasise, a pior das escolhas. Os capitães-do-mato das redondezas rondavam atentos, prontos para antecipar a posse sobre aqueles corpos. Ele proibia qualquer ensaio de fuga. Nada julgava mais perigoso que atrair atenção desnecessária. Além disso, abandonar os seus lhe parecia uma desonra aos que haviam atravessado o mar, morrido sem nome e sustentado a dor para que algum resto de povo continuasse de pé.

Fugir sozinho não era liberdade.

Era deixar os ancestrais morrerem de novo.

Por isso, punia os desvios com severidade. Não recorria ao açoite nem ao espancamento; de resto, seus métodos pouco diferiam dos empregados nas fazendas vizinhas. Para Padasise, porém, não se tratava apenas de impor medo. Acreditava, com aquilo, preservar a segurança de todos, evitando que a imprudência de um atraísse o castigo sobre muitos. A fome prolongada, o corpo deixado sob o sol, o peso das correntes por noites seguidas, a humilhação pública diante dos demais e o silêncio imposto a quem ousasse discordar faziam parte da ordem que dizia proteger.



Capítulo 4 – Esperança sob vigilância

A vida dos negros da Fazenda Nova Fronteira podia ser considerada difícil, embora estável e marcada por poucos sobressaltos. A maioria desses abalos decorria dos raros rompantes do proprietário, quase sempre quando Sebastião era chamado à porta para receber escravizados fugitivos trazidos pelos capatazes das propriedades vizinhas.

Com a saúde precária, Sebastião reunia todos diante do sobrado da casa-grande e iniciava um longo discurso, carregado de ameaças de açoite, corte de ração e aumento das horas de trabalho. Era quase uma formalidade: palavras em que nem ele próprio parecia acreditar, como se soubesse que jamais teria forças para cumpri-las. Mostrava-se mais apressado em encerrar aquela obrigação e retornar ao leito.

Os capatazes das fazendas vizinhas acompanhavam de longe aquelas reuniões infrutíferas e chegavam às mesmas conclusões. Aos poucos, passaram a executar por conta própria os castigos que Sebastião já não se mostrava capaz de impor, devolvendo os fugitivos em condições muito piores do que aquelas em que os haviam encontrado.

Vieram também ameaças mais graves. Diziam que, quando o velho morresse, atravessariam aquelas divisas armados, tomariam Nova Fronteira e dariam fim a quem ousasse resistir. As palavras eram dirigidas sobretudo a Padasise, reconhecido como

líder daquela gente. Ele respondia à altura, embora soubesse que, naquele jogo, sua força não passava de aparência.

Chegaram ao ponto de devolver escravizados quase sem vida. Cada retorno assim abalava o frágil equilíbrio da fazenda e aproximava todos de uma guerra que acabaria com a pouca paz que lhes restava. Foi nesse cenário que Padasise reforçou a própria vigilância e consolidou os castigos sem chicote, punições que, embora dispensassem o açoite, ainda reproduziam parte da lógica das fazendas vizinhas.

Não era raro, desde então, encontrar algum cativo preso por horas na praça, com as rações, já escassas, reduzidas pela metade. De modo geral, suas medidas eram toleradas e até contavam com a aprovação da maioria, sobretudo nos períodos em que a guerra parecia prestes a irromper. Bastavam algumas semanas de calmaria, porém, para que o véu do esquecimento encobrisse os riscos que ameaçavam a paz de todos. Aos olhos de alguns, Padasise voltava a parecer tirano.

Como líder daquela precária comunidade, acreditava que devia sustentar as regras em todos os momentos, inclusive quando já não pareciam necessárias. E houve uma ocasião em que precisou, como nunca, provar sua autoridade.

Foi num dia semelhante a tantos outros que o antigo sonho de Iretitan voltou a inquietá-lo. Corriam histórias sobre comunidades livres, organizadas por negros, a dois dias de caminhada dali. Sua existência jamais fora comprovada. Padasise desconfiava de que se tratasse de um boato espalhado pelos homens da Fazenda da Cruz para empurrar os escravizados de Nova Fronteira pelo caminho da fuga e torná-los alvos fáceis de captura. Assim, esvaziavam pouco a pouco as terras do velho decadente e descarregavam sobre aqueles que julgavam inferiores a violência